

TELE. SOH
LITZ

QUINTA-FEIRA
Lisboa--12 de Novembro de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

2.º 6



sempre
PIXE semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Caricaturas
DE PESSOAS



Este volume da Coleção de "Sempre Pixe", é vendido por 500 escudos, em copiosas edições da "Renascença Grafica". Diplomatas, médicos, advogados, jornalistas, engenheiros, artistas, etc. Mais de cem caricaturas de gente fina num grosso volume. Saiu do prelo. Faltz-lhe só entrar em todas as casas, excepto nas que estão com escritas.



Os ditos da semana



Coincidencia Do «Diario de Noticias» da semana passada, transcrevemos a seguinte curiosa noticia:

Em Pedrogão Grande viviam dois individuos que tinham o mesmo nome. Ambos eram Nunes David, e ambos se chamavam Augustos. Porque estes dois apelidos, com este nome de baptismo, não sejam muito vulgares, a coincidência, na mesma terra, já se tornava curiosa.

Mas havia mais: tinham a mesma idade!

E mais ainda: morreram ha dias, á mesma hora!

Hão-de concordar que em materia de coincidência, é o mais que pode acontecer.

E. Mas não tem nada de extraordinario. Estamos mesmo a vêr como as coisas se passaram e cada vez nos convencemos mais dos inconvenientes e até dos perigos que resultam dos nomes parecidos. Os nomes parecidos — iguais o que é muito peor — são muito mais perigosos do que as caras parecidas, porque as confusões de caras não se na presença das pessoas e depressa se desfazem — as confusões, não as caras, bem entendido — e as confusões de nomes podem dar-se na ausencia dos donos, o que é muitissimo grave.

Já o sabio dr. Assis, quando encontrava um daqueles dois irmãos gêmeos que eram muito parecidos, se via em serios embarços, mas, porque a confusão de caras se dava na presença das pessoas, perguntava:

— Com quem tenho o gosto de falar? Com o senhor ou com seu irmão?

E' claro que o interpelado esclarecia sollicitamente que era com ele proprio, e que o irmão tinha ficado em casa e não havia novidade.

Agora, porém o caso foi outro. Reconstituamos a scena:

Os Augustos Nunes David, apesar de cuidadosamente se intitularem «nunes» eram dois, eram um par. Tinham a mesma idade e moravam na mesma terra. Um belo dia chegou a um deles a sua hora e a Divina Providencia resolveu chama-lo a sua presença e assim fez:

— Oh! Augusto Nunes David, de Pedrogão Grande, morre.

E ambos eles, chamando a si o chamamento, fecharam os olhos e morreram sem terem tido o cuidado de perguntar como no caso dos gêmeos do dr. Assis.

— Isso é comigo ou é com o outro?

E já não ha remedio. A complicação agora vai

dar-se no outro mundo. Um deles ha-de ficar sem alojamento e sem emprego.

Lá vai aumentar a «chomage» no ceu.

Tufão-Almeida Telegramas vindos de Londres, na semana passada, noticiam que a Inglaterra foi varrida por um tufão.

Aqueles inglezes!... O que eles fazem para obviar á crise.

Até já tem os tufões a trabalhar por sua conta. Mas com as cidades varridas por tufões, deve ter aumentado a «chomage» dos «Almeidas».

S. Antonio Foi ontem posto á venda o primeiro livro de Anibal Nazaré «Santo Antonio Milagreiro», com illustrações de Tom.

O leitor que já conhece ha muito o Anibal Nazaré das colunas do «Sempre Fixe» e de outros jornais e das revistas de teatro que se tem representado com grande successo, faltava-lhe conhecer o Anibal Nazaré poeta a serio e para meninos religiosos, porque o seu livro pertence á Biblioteca dos Pequenininos.

Seja porque Anibal Nazaré é um poeta ou por milagre de Santo Antonio o certo é que o seu «Santo Antonio Milagreiro» é um livro que se lê com gosto, devido á natural simplicidade dos seus versos bem proprios para creanças. Ali se descrevem, numa linguagem corrente e quasi ingenua, como o caso requer, os milagres do taumaturgo, não sabendo a gente que mais admirar: se o taumaturgo dos milagres, que é Santo Antonio de Lisboa, se o taumaturgo dos versos que é Anibal Nazaré, de Lisboa tambem.

Caricaturas de F. Valença Em aprimorada edição da Renascença Grafica, é hoje posto á venda, o 1.º volume da Colecção do «Sempre Fixe». Reune mais de cem caricaturas pessoais pelo grande mestre Francisco Valença, resguardadas — os astrónomos anunciam chuva — com uma capa a côres «water-proof». Contém 213 páginas alegres. Não as classificamos de «impagaveis de graça» porque, desejando os editores que o publico «pague» o livro, não podia este ficar-lhe de graça, embora as notaveis caricaturas de F. Valença, obtidas por pouco mais de meia duzia de escudos se possam considerar quasi de graça.

E' assim que o «Sempre Fixe» presta homenagem ao seu primeiro colaborador, ás pessoas caricaturadas e ao publico em especial, pelo belo acepipe que lhes proporciona.

DR. BARROS CASTRO



Um grande medico, cuja principal especialidade, é andar a vêr quando chega algum peixe de neve a este mundo, preparando-lhe uma receita de curativos que se curam logo sendo com «unhas». As suas obras são de graça, são gratuitos bilhetes de gare.

O muro O sr. ministro das Finanças, com aquele seu habito de professor, reprovou o muro da estação do Sul e Sueste. Chumbou-o. Reprovou-o, mas o muro fica, para ser demolido oportunamente.

Isto de «oportunamente» é o que se chama uma palavra para desencravar.

A oportunidade é irmã gêmea da eternidade. Serve para tudo, menos para pagar dividas, porque o credor, em geral, é que se julga juiz da oportunidade.

Esperemos pela oportunidade.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas.	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Assim, isto aqui, é, por breves, a tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Maestro Alves Coelho

A revista actualmente em cena no teatro Maria Vitoria tem nada menos de três cenas em que morrem interpretes.

Uma revista, genero alegre, com três mortes, é caso virgem.

A's vezes, ha dramas e tragedias em que não morre ninguem, nem sequer o autor...

■ ■ ■

O teatro Nacional vai brevemente fazer a *reprize* da peça *O Romance*.

Esta peça é o prato de resistencia da companhia Amelia Rey Colação-Robles Monteiro.

E' engraçado.

E' o Vasco Sant'Ana a representar o *Melro* em festas artisticas e o Nacional a representar o *Romance*.

■ ■ ■

A proxima peça a representar no Avenida é uma opereta intitulada: *Bambu*.

Ao que nos consta, quasi todos os personagens são pretos...

E' muito curioso.

Se ao Vasco de Sant'Ana calha um papel de preto, isso é que vai ser bom. Parece um chocolate. São capazes de o comer.

■ ■ ■

O Augusto Ceita (Costinha) continua a receber cartas de amor de varios admiradores.

Ele, de facto, é tentador naquella cena. Só não percebemos a razão porque o Antonio Silva, depois de ver que ele é homem, ainda o convida a ir a Vizeu.

Não era preciso ir tão longe...

■ ■ ■

FOI entregue á companhia Lucilla Simões a comedia *O Aldra-bão*.

Já ouvimos dizer que a peça era uma *opereta*. Depois citaram-na já como *vaudeville*. Agora dizem que é *comedia*.

E' de facto um grande *Aldra-bão*. Tão depressa é uma coisa como outra.

■ ■ ■

ESTA' tambem anunciada no teatro da Trindade a peça *Escola de Maridos*. O protagonista, ao que nos consta, vai ser interpretado pelo actor José Gambôa.

O José Gambôa, a interpretar o protagonista da *Escola de Maridos*, vai ser falado...

Ele, que é um solteirão terrivel, a dar lições de marido!...

■ ■ ■

NO teatro do Gimnasio vai brevemente á cena uma nova comedia francesa, que foi traduzida para portuguez com o título *Hora do diabo*.

Que a peça agrade, é o nosso desejo. A's vezes o diabo tece-nos. Não há a peça á cena numa hora dos diabos...



O inspirado maestro que ha dias morreu "no seu posto" era um dos mais populares musicos portugueses. A sua figura, a sua camisa cor de laranja, mas, sobretudo, as lindas e fáceis musicas que fez para revistas tão apreciadas como o "31", tornaram-no tão conhecido e admirado, que a sua morte foi muito sentida, até pelas pessoas que, como nós, não tomam nada a sério...

LEONOR Teles continua singrando no teatro Nacional, com éxito. Prova-se que o publico gosta de teatro historico, de mais a mais quando o desempenho é primoroso.

Até já nos consta que vão seguir-se no teatro Nacional mais peças historicas.

Mas tambem nos consta que no teatro Nacional, entre as peças

historicas, irá sempre á cena a peça *O Romance*.

■ ■ ■

NO Variedades subiu á cena, com muito agrado, a nova revista *O Mexilhão*.

Beatriz Costa, entre varios papeis, desempenha o de *Burrié*.

E' um burrié ladino, engraçado. O *Sempre Fixe*, se se apanhasse



Vendo o Braga... por um casado

com aquele burrié no nariz, nunca se assoava.

■ ■ ■

MATOS Sequeira, Pereira Coelho, Vasconcelos e Sá e Cristovão Aires estão tambem escrevendo uma revista.

Já não ha ninguem que não escreva uma revista. Até o critico teatral Cristovão Aires!

O Cristovão Aires, toma muita cautela com a critica, que ella é muito severa. Ha então um critico no *Seculo*, que costuma assinar C. A., que não perdôa nada.

Tem cautela com ele, Cristovão!

■ ■ ■

ESTREOU-SE no teatro Maria Vitoria um novo artista, o elefante *Trombalazana*.

Agradou em cheio.

Nós, quando os artistas merecem, não lhes regateamos elogios e de já podemos augurar a este um fudo futuro. Agora o que é preciso é que ele não se envaldeca com os nossos elogios, e sobretudo que aprenda, porque tem muito que aprender.

Tem, pelo menos, que aprender a dançar.

■ ■ ■

NA ultima pagina teatral do *Diario de Noticias*, escreve Antonio Ferraz:

«Quantos portugueses não teriam visto com antipatia o embarque de Vasco da Gama para a India só por não gostarem de D. Manoel. A realizacão do Congresso (da critica) está muito longe de se parecer com o descobrimento do caminho maritimo para a India, bem sei, mas o exemplo serve para ilustrar o raciocinio».

Teremos que juntar mais um rei á dinastia dos Braganças?

■ ■ ■

PARECE que a nossa pergunta não foi compreendida.

Repetimo-la:

—A peça em um acto que ultimamente foi annunciada nos jornais, durante o decorrer da representacão de *Duas Chamas*, é alguma das que a Associação da Critica recusou, no seu alto criterio, exhibir perante os congressistas da Critica?

■ ■ ■

DO *Diario de Lisboa*:

«A determinacão estabelecida para o Gimnasio, com a peça *O Deitar da Noiva*, desde ha muito que se usa no Brasil, não só com relação aos menores, como até ás senhoras que se não façam acompanhar dos maridos ou pais.»

Ficamos sem saber qual é pior: se irem com eles, se irem sem eles!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



—Aonde vais neste apuro? Tu precisavas era que te matasse. Vale-te é não saber aonde hei de encontrar-te depois de morto...

Varandim do Chiado

O maior sucesso literário daquele ano, no dizer do crítico do jornal X., era o romance do escritor Fernando Varandas.

Mas esta opinião, esta declaração não levou a convencer o público leitor. Tinham dito os maiores jornais e, também, muitos eruditos, que aquele romance era uma vergonha literária, não tanto pela ideia que defendia (porque as não tinha), mas, principalmente, pela ausência absoluta de gramática que se notava através de todas as páginas do livro.

O que poderia, por conseguinte, ter concorrido para que o crítico tivesse aberto, tão hiperbolicamente, a torneira dos elogios sobre o infeliz livro de Fernando Varandas? Ninguém o sabia. Mas toda a gente, em momentos de tribunação, conta o assunto, e chegaram a fabricar algumas, mais ou menos passadas, sobre o romance, o autor e o crítico.

Eventualmente as mais cruéis de sentenças sobre a proclividade do crítico chegaram a dizer, também, que de era amante da mulher do romancista e alguém, com muita imaginação, chegou a afirmar que o escritor prometera e oferecera um auto-novel ao crítico, não generosamente apreciada do romance.

Tudo isto a pouco e pouco, foi chegando aos ouvidos do crítico, mas, como nada do que se dizia era verdadeiro, nada, por conseguinte, feria o nosso homem, nem tão pouco lhe alterava o sono.

Entretanto, todos os amigos do crítico quando o encontravam, começavam-no com piadas. Recebiam cartas anónimas a censurá-lo. E certa noite, em camarada de redacção do crítico disse-lhe, com certo ar de sinceridade, o seguinte:

—V. comprometeu e destruiu para sempre o seu nome com essa infeliz crítica...

—Como?

—Sim, meu amigo. O romance é uma grande porcaria!

—Engana-se. O romance é uma obra prima e o autor é um grande valor.

—Valor protestado...

—O romance foi escrito por mim.

—Que me diz? — disse o outro com os olhos arregalhados.

—A verdade. Precisava duns cobre... e como o Fernando Varandas queria ser escritor, escrevi-lhe um romance. Já vê...

De então para cá, tem-se dito ainda muito pior do romance.

PONCIO PILATOS.

Sortes grandes?

só o F. N. A. as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

A SINFONIA DE ABERTURA

Toribio Sustenido era um dos melhores compositores teatrais, do género ligeiro, e que maior número de operetas e revistas havia subscrito, popularizando-se facilmente a sua música, pela inspiração, pela leveza e sobretudo pela característica popular dos seus trabalhos. E por isso mesmo, muitas peças conseguiram êxito e os autores do poema conseguiam também ser conhecidos e receber de direitos o dobro do que era atribuído ao Toribio Sustenido.

O nosso maestro, porém, dava-se por satisfeito e lá ia vivendo modestamente, num terceiro andar, na Estrela, em companhia de uma velha governante.

Apesar de solteiro, não desdenhava o casamento. Limitava-se a esperar a oportunidade, e enquanto ela não chegava, ia fazendo conquistas, quasi sempre aventureiras e picarescas.

Uma noite, estava Toribio sentado ao piano, a compôr um número para uma revista, quando a campainha da porta retiniu furiosamente, prolongadamente.

A governante correu pressurosa a ver quem era.

—Sr. Toribio! Está lá fora um seu colaborador que lhe quer falar com muita urgência.

—Quem é?

—Foi aqui o seu bilhete de visita.

O maestro leu o cartão, que dizia simplesmente:

—*Sebastião Contente Regalado.*

—*Rua de tal, numero tantos.*
Não o conhecia. Mas fôsse quem fôsse, era um autor que precisava da sua colaboração. E mandou-o entrar para a sala.

—Com que então, o senhor deseja?

—Que... que me ajude... que me salve... que colabore comigo.

Toribio sorriu, entre puzentado e modesto, e respondeu:

—Conforme. Se o trabalho não for de grande fôlego. A sua peça é revista eu opereta?

O Contente Regalado parecia não esperar esta pergunta. Olhou-o confuso e sem saber que responder.

—E... é uma opereta regional.

—Traz o original consigo? Como deve saber, tenho que o ler primeiro, para conhecer o motivo.

—E' verdade. Esqueci-me de o trazer. Mas o entredo é simples. Romca e Julieta amam-se apaixonadamente. O tio desta, porém, opõe-se ao namoro e ameaça de morte o pobre amante. Prefere que a sobrinha case com um conhecido escritor. O apaixonado Ro-

meu, ao saber disto, escreve uma obra que alcança um êxito retumbante. E o tio fica vencido.

Toribio sorri complacente e promete auxiliá-lo em tudo, contanto que ele lhe mande quanto antes o original. E, chegados a acôrdo, os dois novos colaboradores despediram-se como velhos amigos.

Na manhã seguinte, acabava o maestro de almoçar, quando recebeu a visita duma formosa joven.

—Com quem tenho a honra de estar falando?

—Com a sua vizinha do 2.º andar. Deve estranhar certamente a minha presença aqui...

—Assim é, com efeito. Mas a quem devo o prazer...

—Ontem á noite, estive aqui em sua casa o meu noivo, Sebastião Contente Regalado.

—Exactamente. Que veio pedir a minha colaboração para uma opereta.

—Isso foi ideia minha. Não vê que meu tio opõe-se ao nosso casamento e jurou matá-lo se o encontra a falar comigo. Ora o meu Sebastião vem todas as noites falar-me á porta da escada, até ás onze e meia, visto que meu tio recolhe á meia noite. Ontem, porém, recolheu mais cedo. Então, tive o expediente de fazer subir o Sebastião até sua casa. Era a única salvação. Dai a sua visita e o pretexto, que era falso.

Toribio sorriu maliciosamente.

—Porque não o escondeu no seu quarto? Era o mais seguro, e o casamento era inevitável.

A formosa vizinha abriu os olhos.

—E' verdade! Não me lembrei disso.

—E depois a menina cometeu, sem pensar, uma levandade vindo a casa dum rapaz solteiro...

—Quê? O senhor é solteiro?

—Como vê. E pode crer que tenho pena de não a conhecer há mais tempo e saber que a menina tem um tio rico...

No dia seguinte, o Contente Regalado recebia um bilhete, assim redigido:

«Pode contar, em absoluto, com a minha colaboração. E dou-lhe já uma boa nova. Compuz ontem á noite a sinfonia de abertura. — Toribio Sustenido.»

BRAZ SERENO.



O autor: — O seu patrão está?
O criado do empresário: — Olhe: se é alguma peça para lhe mostrar, nem me peça para o anunciar, porque ele tem muito mau gênio...

Graça dos outros

Ele: — O que dizem as cartas, da minha vida futura? Realizarei os meus sonhos? Serei celebre?

A cartomante: — Absolutamente! O senhor será preso por praticar um grande desfalque...

Entre caturras:

—O segredo da longevidade consiste em comer todos os dias milho!

—Está bem, mas como se pode guardar esse segredo?

Entre amigos:

—Que lindo sol! Que bom tempo!

—Achas?! Pois em minha casa ha sempre trovoadas...

João: — Agora começo a pensar seriamente no casamento!

Antonio: — O quê, encontraste a noiva ideal?

João: — Não... casei-me ha oito dias...

Ela, cendo-se ao espelho: — Porque não me disseste que tinha rouge no nariz?

Ele, ingenuamente: — Julgava que fôsse uma nova moda!

Entre dactilografas, bonitas:

Jana: — Porque abandonaste o teu emprego?

Aurora: — Não tinha futuro! O patrão era casado!...

—O sr. professor, quem foi que inventou a polvora?

—Mas a que proposito vem essa pergunta?!

—E' que... a mamã está sempre a dizer-me: «O teu professor não inventou a polvora»...

— Quantos filhos tem, minha senhora?

Como era a segunda vez que a curiosa lhe fazia esta pergunta na mesma noite, respondeu a interrogada:

—Desde que v. ex.ª me perguntou quantos tinha, e eu disse que tinha três, ainda não tive mais nenhum.



— Antes de me anestesiarem o dente, pediu a V. Ex.ª para me anestesiarem a carteira...

Uma carta

Minha querida Gigi:
Estou encantada! O papá, não sabendo o que me havia de oferecer no dia dos meus anos, comprou-me um posto de T. S. F. Não sei dizer-te de que marca é, porque a marca não me interessa; o que eu quero é ouvir musica. Mas dizem as pessoas entendidas nestes assuntos que o aparelho é «Rolls-Royce» da T. S. F. Antes assim, porque vou ouvir tudo quanto se canta e se diz em todo o mundo. Quando vieres a Lisboa, has-de ouvir. E' uma maravilha!

Por causa da T. S. F., temos agora todas as noites: imensa gente cá em casa. Vem todos os meus primos (nas noites em que não vão ao «Tivoli») e bastas raparigas. Tu sabes quem são as raparigas minhas amigas: não é preciso dizer-te como se chamam. Liga-se para Londres, salta de lá um «fox» na ponta de unha, e começamos a dançar. Quando queremos ouvir musica classica, da que faz dormir e talvez scobar as almas romanticas, liga-se para Toulouse e pronto, temos logo o Wagner ou qualquer outro chato do mesmo genero. Se queremos ouvir o fadinho cheradinho na guitarra, ligamos para o C. T. I. A. A. (mais conhecido pelo Abilio), e temos a Ercilia Costa, o Alberto Costa, o Armandinho, o Georgino e toda a «gajada fixe», como diz o meu primo Manecas. A «Hertziana» tambem dá fadinhos á gente. E' quasi a mesma coisa do Abilio, mas mais fraquinho, muito mais fraquinho, não se compara...

A «Hertziana», de resto, ouve-se pouco, porque o papá não gosta. A maior parte das audições é occupada por conferencias, palestras, succedetas, etc. — um illustre escriptor chamado João Navarro, Navarro, Navarro ou Do Barro, ou qualquer coisa parecida, porque o «speaker» tem uma voz affluada que nem sempre se percebe. Talvez tu, que conheces toda a literatura dos ultimos anos, saibas dizer-me onde se vendem as obras completas deste homem, para fazer uma ideia do que ele é a escrever.

A mãe, já eu sei que é muito chato. Quere ter graça por fora, e não tem piada nenhuma. Antes

o Chagas Roquete. Quando o tal Navarro começa a falar, o papá diz logo, de mau humor:

— A Sciencia ao serviço da Asneira!

E muda-se de onda. Nem tu calculas, filha, o que isto tem de divertido. E' verdade que a maior parte das noites não se consegue ouvir coisa de geito, especialmente do estrangeiro. Quando ha parasitas na atmosfera (não são os parasitas que tu pensas, são outros...) só se ouve *errroum, brrroum, brrroum-bom*. O papá, então, agarra-se ao condensador, anda para traz e para diante, dá voltas e mais voltas, e acaba por dizer:

— A noite hoje não está boa! Mas isto não é sempre. Ha noites em que se consegue ouvir Alger muito ao longe, Barcelona muito fraquinho, Madrid nunca preta, e umas vezes por cutias Milão com operas. Não é mau, mas o melhor ainda é Londres. A gente liga aquilo e não precisa mais nada: chovem logo as musicas de dança, que é, afinal de contas, a unica coisa que nos interessa no meio disto tudo.

Outras vezes, o Abilio faz a transmissão de algumas revistas em voga no Parque Mayer. E' tal qual como se a gente lá estivesse. Não se vê, mas ouve-se tudo lindamente. Nessas alturas, o papá protesta:

— A Sciencia ao serviço da obscenidade!

Protesta, mas não muda nada. Tu sabes como o papá é. Acha tudo aquilo muito ordinario, muito rolo, com piadas muito grossas, mas entende ao mesmo tempo que as raparigas de hoje não são as mezinhas de ontem e que, por consequencia, tem de ouvir muita coisa desagradavel para não continuarem a chegar com uma innocencia que as deixa ir no embrulho... E realmente, as nossas revistas são, de principio ao fim, um chorrilho de obscenidades. As piadas mais obscenas são as mais arlaudadas. A gente gosta... Enfim, para mim, estas transmissões têm uma vantagem: fico sabendo qual são os teatros onde não posso levar a mamãe.

Um grande beijo da tua amiga

Lulu.



— Ainda ha quem seja contra os monopolios. Não ha nada peor que a concorrência!...

COISAS NOSSAS

E' velha pecha, entre nós, brincar, pôr o ridiculo nas coisas mais sérias da vida. No fundo, bem analisado, nem sempre ha espirito: ha maldade — o que difere.

Mas aqui temos três casos com a sua ponta de graça. Verdadeiros...

Depositado o corpo do «soldado desconhecido» sob o Arco do Triunfo, em Paris, mais por justiça que por espirito de imitação, destinou-se a Batalha para repouso dos nossos «desconhecidos», da Africa e da Flandres.

Prepararam-se as coisas com tempo e, ao raro, com método. E, alguns meses depois, es corpos dos soldados chegaram a Lisboa. Chegaram e foram, até á transferencia para o grandioso mosteiro, depositados na «Casa da Balança», do Arsenal de Marinha.

— Eu não concordo — diz um sujeito — que es corpos fossem para a «Casa da Balança». Deviam, antes, ir para a Camara Municipal.

— Pois eu concordo — dizia o outro. — Acho muito bem. Na «Casa da Balança» é que é o lugar proprio.

— Ora ora! Porque a «Casa da Balança»?

— Então veré não vê que aquilo é uma manifestação de pesar?!

Muita gente se recorda. O enteiro do presidente Sidonio Pais coalhada as ruas do gente.

A certa altura, houve grande alvoroço. Tiroes, Correrias.

A esquina da rua dos Retrezeiros vinha nós um monte enorme de cobras que, na precipitação da rua, aquela gente abandonara. Havia de tudo: chapéus, sapatos, botinas, calças, casacos — coisas que chegavam á vendidinha para montar uma loja de adido.

Quem assistiu ao pânico e ao helic, havia de ter notado que alguma pessoas, aparentando serenidade que não tinham, gritavam para evitar mais desastres: «Ordem! Ordem! Serenidade! Presença de espirito!»

Ao pé dum homem que assim gritava, mas cu a correr um sujeito de sobrecasaca toda suja, como se tivesse andado pelo chão, o charuto alto todo amassado.

— O dem! Serenidade! Presença de espirito! — gritavam-lhe.

— Foi sim — voltou-se ele. — Mas nestas alturas... mais vale a ausencia de corpo que a presença do spírito!

E nunca mais ninguém o viu.

~

O A. C., de embudo e com certas qualidades, tem sempre, a propósito de tudo e de nada, uma história. Sempre autentica e sempre baseada com ele.

Uma noite, abancámos no Café «Vieira». Nós, o A. C. e o pintor Albino Cunha.

Num determinado altura, entrou um amigo. Trazia uma roupa entapada, dum conflito com dois ingleses — disse ele.

— Eu — voltou-se o A. C. — nessas coisas com estrangeiros, sobome cá o sangue á cabeça e é o diabo! Uma vez, um inglês estava a provocar um português. Ouvi, ouvi, mas a certa altura, não podendo resistir áquela afronta á nossa dignidade, levantei-me... agarrei numa cadeira e...

— E mandou-o sentar. é claro — estava o Albino Cunha.

Escusado será dizer que a história ficou por ali.

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77



O passageiro: — Sim, senhor! Até que emfim o comboio chegou á hora pontual!

O empregado: — Chegou, chegou... mas é o de ontem...

Elevador da Gloria

Antunes: — Dizem que para um matrimonio ser feliz é preciso que os esposos sejam diferentes em tudo!

Stavedra: — Por isso é que me quero casar com uma mulher que tenha dinheiro!...

Mãe: — Vés, papá, que tarde esta! Não vés como o sol baixa?

O pai: — Deixa-o lá baixar! Não tenho acções nele...

O pintor: — Não tenha vergonha, menina. Dispa-se! Tenho que te banhar!

O modelo: — Só com uma condição! E' que não olhe para mim...

Nama loja de chapéus:
O marido: — Gostas desse chapéu?

A mulher: — Já te digei! Deixa-me ver o preço!

O peixe: — Mamã, hoje apanhei uma boa nota na escola. Tinha que escrever nomes de mulheres e eu fui o que escrevi mais!

A mãe: — Ah, sim?

O filho: — Sim! Escrevi os nomes de todas as criadas que temos tido este ano!...

No hotel:
O crêdor, batendo á porta do quarto: — Desta vez não pode negar que está! Vejo aqui as suas botas no corredor!

Uma voz: — Sai em pantufas!...

A dama generosa: — E qual foi o teu ultimo emprego?

O mendigo, de barba branca: — «Groom» dum hotel!...

Na repartição competente:
— Venho tirar uma licença de porte de arma!

— E' caçador?

— Não, senhor! Vou casar-me!

— Não tens vergonha nenhuma! És deputado e ainda não intervieste em nenhuma discussão!

— Sim, filha, sim. Sempre que nos relatos dos jornais aparecem risos — sou eu.

No tribunal:
O presidente: — Espero que seja a ultima vez que o veja aqui!

O acusado: — O quê? V. ex.ª vai mandar de tribunal?!

Cacharolete

«Para a formação do novo governo britânico, o sr. Macdonald só tem o embarço da...»

(Dos jornais).

Desde que me conheço, ouço dizer a todos os políticos amigos, quer sejam dos de agora, ou dos antigos, que ninguém poderá compreender o sacrifício enorme, extraordinário, que todos fazem pela sociedade, que com ingratidão e com maldade responde quasi sempre ao seu fadário.

— Ser ministro! Que horror! Sabe-se lá o que isso representa de trabalho! Antes lidar com o arado ou com o malho, pois que menos fadiga e dor nos dá! De tanto ouvir esta lamentação, o povo chega mesmo a acreditar e a ter medo de sacrificar aqueles por quem tem consideração.

Ser que nesta haja algo de artificial, uma coisa admira e nela insisto: que toda haja, depois de tudo isto, tanta gente disposta ao... sacrifício.

O HOMEM DOS TIMBALES.

Numa poltrona jaz um entrevado, um misero, coitado, que não pode fazer um movimento, cumprindo a triste sorte, desejando talvez em pensamento que cesse o seu tormento, que venha antes a morte... Mas eis que surge Asuero (quem diz Aspero, diz outro doutor), porte grave e severo, perante cuja fama me descubro, tendendo-lhe homenagem ao valor. Presto aquecendo ao rubro do seu timbo-cauterio a ponta afiada, achega-se ao doente e uma das narinas, dilatada, dirige, aponta, aplica essa ponta candente, e o trigêmeo nervo lhe caustica. Depois, parodiando Jesus Cristo, que curou tanta alminha, ao doente diz isto: — Levanta-te e caminha! E o doente ao levantar-se, dando um salto da poltrona, começa logo a treinar-se p'ra correr a Maratona...

E o nariz, sem cortar prego, restitue a vista ao cego, aos surdos cura a surdez, dá gambiar aos paráliticos, põe a mexer os artriticos, limpa o sangue aos sífiliticos, solta a lingua onde ha gaguez, enche os pulmões aos asmaticos, faz campeões os reumaticos, minera o dor aos ciaticos, aos doidos dá lucidez...

...Das mil escolas em ápia que inventou a medicina, a que hoje tem mais prosapia, a mais fixe e superfina é a... Narigoterapia...

ANTONIO AMARGO.



Ele: — Diz um dictado que, por cada beijo que se dá, se perde um cabelo.
Ela: — Então você ficaria calvo em pouco tempo.
Ele: — Como sabe, estou á sua disposição...

A ama do menino

D. Constança Telhal faleceu aos vinte e nove anos, deixando ao marido inconsolavel a lembrança assucarada dos seus beijos de mel e outras habilidades com que ella aterdava no morno ambiente da alcova conjugal; e, talvez porque receasse que essa herança não era bastante para que elle dela se recordasse a todos os momentos, deixou-lhe tambem a coisa mais solida e substancial: um pimpolho de dez meses que só estava contente com a chucha na boca.

O sr. Venancio Telhal viu-se atrapalhado da sua vida sem saber o que havia de fazer á dita, ao reconhecer que não tinha habilidade mesmo nenhuma para ama sóca.

Ele sabia lá lavar os cueiros, pôr pó de talco no fufu do garoto e embalá-lo nos braços para elle fazer ó-ó!

Pensou em pô-lo numa creche, mas teve receio de que não tratassem bem o fruto dos seus castos amores com a defunta, que tinha sido a sua paixão unica. E decidiu, como ultimo recurso, anunciar para ama, exigindo-a muito saudavel, nova, da provincia, etc.

No dia seguinte, saiu no Noticias um anuncio nessa conformidade, que trouxe a sua casa nada menos do que dez pretendentes.

Feitas as analyses ao sangue, o sr. Venancio optou por uma rapariga de Castelo Branco que, no seu genero, valia um tesouro. Era um pedaço de mulher de se lhe tirar o chapéu: uns seios que eram uma tentação, um trazeiro rebolão que faria pecar um santo, umas pernas que podiam servir para sustentar o projectado Arco do Triunfo!

Era casada e tinha o marido na terra. Como lhe tivesse morrido o filho pouco depois de nascer e ella tivesse muito leite, o camponeiro que a tinha por consorte resolvera que ella viesse para a «cidade» para ganhar «dinheiro co'os pêtos», segundo a sua lapidaria expressão. Como a vida por lá estava difficil, a Maria da Azenha — que era assim a sua graça — meteu-se no comboio e veio por ahi abaixo ganhar «dinheiro co'os pêtos».

A principio, ainda com a saudade da sua defunta, o sr. Venancio não tinha olhos para os encantos fartos da Maria da Azenha. Via-a, sem pestanejar, extrair do corpete o carnudo seio que a creança sugava desesperadamente e sorria para aquele quadro enternecedor.

Mas, com o tempo, a saudade foi-se desvanecendo. A Maria da Azenha exalava um cheiro a campo que perturbava. A côr da sua pele, com excepção do rosto, era leitosa, quasi uma pele de senhora. O sr. Venancio pensava que aquella cutis rustica poderia muito bem ser macia e tépida e muito merecedora de uma caricia manual ou mesmo bucal, isto é: uma festinha ou um beijo.

E tanto circulou em volta da Maria da Azenha, que ella se lembrou de que elle era homem e ella

mulher; que o marido estava longe; que Deus sabia quanto tempo passaria ainda sem o vêr; que... etc., etc.

Ora, como a carne é fraca e a estepa ao pé do lume corre o risco de se incendiar, aconteceu que... O que havia de acontecer, leitor amigo? Uma coisa banal: a Maria da Azenha tomou, a certos respeito, a lugar da falecida Constança Telhal e o sr. Venancio Telhal substituiu o ausente consorte da Maria da Azenha. Ora aqui está!

Passados dois anos, a Maria da Azenha recebeu uma carta do marido, em que lhe dizia, entre outras coisas, que estava á venda, lá na terra, uma junta de bois, que eram os melhores dez léguas em redor, e pedia-lhe que lhe mandasse o seu «pé le meia», que o devia ter.

A Maria mostrou a carta ao Venancio, fez-se muito meiga e conseguiu que elle alargasse os cordões á bolsa para satisfazer o pedido do lapuz de Castelo Branco, que havia de afirmar todo ufano, a quem o quizesse ouvir, que a sua Maria tinha ganho uma junta de bois «co'os pêtos»!

E o dinheiro seguiu num vale de corveio.

Mas aconteceu uma coisa terrivel tempos depois: a Maria da Azenha tinha desconfianças que se confirmaram completamente: estava grávida.

O Venancio coçou a moleirinha, pensou, pensou e decidiu:

— O que ha aqui a fazer é ir passar uns tempos com o teu marido, para elle depois não dizer que o filho não é dele. Isso ainda está em começo e assim já não desconfia...

Ella concordou que era o melhor que havia a fazer. Fez a trouxa e embarcou com todo o seu ouro ao pescoco, para deslumbrar as moçoilas da terra. E prometeu voltar de aí a dois meses.

Foi um successo a chegada da Maria da Azenha a Castelo Branco. Todas as raparigas lhe invejavam o ouro e o dinheiro que trazia e ainda mais a linda junta de bois que ella tinha ganho «co'os pêtos».

Algunas decidiram logo vir para Lisboa, para tambem se «oirarem». Lisboa era uma grande terra!

A' noite, ao deitar-se a Maria com o marido, notou este que ella tinha o ventre um tanto volumoso e cheio de suspeitas, disse-lhe:

— O' Maria, tu tens a barriga tão alta! Tu «fazeste-me» partida, lá isso «fazestes»!

— Agora! «Cais» partida? E' que eu estou gorda. Não fazia outra coisa senão comer e dormir e car mama ao menino...

Mas elle não se dava por convencido e tanto a seringou que ella, perdendo a paciencia, lhe retorquiu:

— E então? Que tem que assim fosse? Olha lá a grande coisa! Naturalmente querias bois sem chavelhos!...

Jotacê.

Noticias do dia

Do Estrangeiro

O conflito sino-japonez

MUKDEN, 21. — Tudo caminha para uma proxima soluçao deste conflito internacional. Ontem, os generais chineses Tu-Chiu e Ba Cho realizaram uma conferencia com o chefe das tropas japonesas, tudo fazendo prever que chegarão a acôrdo. Esta madrugada nada houve de anormal, registando-se apenas uma escaramuça nas margens do Pei-Tô, havendo cerca de 2.600 mortos de cada lado.

O "ultimatum" da China

PEQUIM, 36. — A China enviou o 16.º ultimatum para o Japão retirar, no prazo de vinte e quatro horas, as tropas que tem a arê na Mandchuria. Caso o Japão não obedeça, a China está na disposiçao de enviar ainda mais 10 ultimatus.

A China reage

CANTÃO, 20. — O governo do sul da China resolveu atacar Pequim e vencer o governo da China do norte. Logo que o tenha conseguido, o que deve ser breve, possivelmente dentro de dez anos, atacará depois as tropas japonesas na Mandchuria.

A soluçao do conflito

PEQUIM, 21. — Tudo caminha para que se chegue brevemente a uma soluçao satisfatoria para ambos os paises. Tudo vai bem. O Japão já mandou retirar dois soldados da Mandchuria que davam sinais de doenca. Receia-se que intervenha no conflito a Sociedade das Nações.

A guerra aviatica

TOQUIO, 39. — As tropas japonesas penetraram na China. Já estão as portas de Cantão, junto á Gini-nha. Desta cidade recebeu-se um telegrama que dizia o seguinte: «Japoneses Cantão vitoria».

Não ha guerra na China

PEQUIM, 56. — O governo japonês está atendendo as reclamações da China. Já mandou retirar da Mandchuria mais três soldados.

As reclamações da China

TOQUIO, 37. — A China enviou uma nova reclamação, que não pode ser aceite por as reclamações só serem aceites ás segundas, quartas e sextas, até ás 16 horas.

O conflito orientai

TOQUIO, 0. — O Japão continua a enviar tropas para a fronteira, tudo fazendo prever que o conflito terá uma soluçao pacifica.



— Esta é a galeria onde tenho os meus antepassados.
— Mascarados, não é verdade?

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Das de sempre, sempre certos ganhos



— Posso passar por esta cancela?
— Julgo que sim, pois ainda ha pouco passou uma camioneta.

Praça do Brazil S. Bento

DESSPORTOS

Geografia etimologica

Os cómicos do desporto

Só em Loanda! Só em Loanda é que ha possibilidade de se encontrar um presidente de assembleia geral com ideias tão desembaraçadas e mostrando uma tão grande compreensão do lugar que desempenha.

O homem chama-se Videira. Resa assim a convocação para uma assembleia geral, da autoria desse Videira, que assim consegue tornar-se conhecido — e bem o merece — por todos os desportistas portugueses.

Ora, saboreiem: «São, por este meio, avisados todos os socios de que a sessão da Assembleia Geral iniciada na passada segunda-feira, foi interrompida para prosseguir amanhã, 1 de Outubro, pelas 21 horas, com a mesma ordem de trabalhos — proposta de empréstimo e eleições para a Direcção.

Prego, com certeza, no deserto. Mas, como amanhã, nem ha baile, nem foot-ball, nem filarmónica, nem Volga-Volga, nem vapor no porto, nem eclipse da lua, nem tremor de terra, nem zaragata, — em bôda, nem baptisado, nem dia de S. Martinho, imploro dos socios o favor de quererem comparecer, e peço ás esposas, ás mães, ás irmãs, ás primas e ás

noivas dos meus caros consocios o favor de permitirem que eles, por umas horas, as deixem, para irem cumprir o seu dever estatutario. Que diabo! quebrem, por uma vez, o horario domestico das galinhas.»

O Sport de Lisboa foi quem chamou a nossa atenção para este pedaço de prosa. Agradecemos, pela mesma parte, sinceramente, o prazer que nos deu com esta transcriçào...

Dizem que terminou o conflito da bola. Mas pergunta-se: — Havia algum conflito?

Os leões, esta epoca, parecem gates...

Dizem — por causa do andamento do campeonato da bola — que vai acontecer esta coisa curiosa: o Barreiro vencer o campeonato de Lisboa...

JONICA.

O elogio da delicadeza feminina

— Os homens de hoje são o cumulo da indelicadeza e da incorrecção! — dizia-me ha dias, em um migavel conversa, a gentilissima Lili, pessoa que eu acho autorisadissima a discutir, pela sua já notavel pratica, tudo quanto diga respeito a calças...

Poderia eu — tanto mais que a minha amiga me não excluiu do numero dos incorrectos, ter procurado demonstrar-lhe que nem o diabo é tão mau como o pintam, nem os homens de hoje são tão indelicados como ela os apresenta. (E não digo como ela os pinta, porque depois de se pintar a si lhe não sobra tempo para pintar mais ninguém...)

Preferi, porém, adoptar outro processo: colaborar na «tarefa» que a minha gentil amiga dava n's homens, collocar-me de parte, como se nem por momentos me passasse pela ideia que ela me não excluira da «classificação», e comecei por ser absolutamente da sua opinião.

E, para ainda mais a auxiliar na sua missão «anti-masculina», resolvi relatar-lhe um caso passado ha dias com um dos meus melhores amigos, distinto camarada e optimo rapaz, que provavelmente o leitor até conhece, pelo menos de nome.

E' esse caso, que confirma absolutamente as, allás justificadissimas, opiniões da senhora em questão, que eu passo a relatar, omitindo unicamente, por falta de autorização do proprio, o nome do meu amigo.

Deacia eu o Chiado com o meu amigo Costa — chamemos-lhe assim — quando nos abismos a apresentar uma humilhante scena, verdadeiramente singular de uma daquellas belezas que parece que foram feitas propositamente pa-

ra crescer o Chiado ás 5 horas da tarde.

Oihei e admirei, naturalmente, como o leitor faria. Confesso que nada disse, e não porque me queira fazer santo ou qualquer coisa equivalente... Simplesmente porque sou incapaz de dizer qualquer coisa de despejo ou galanteio a uma mulher que passa. E' uma questão de feitiço, nada mais.

O meu amigo Costa é, porém, absolutamente ao contrario. Incapaz de dizer a uma senhora uma grosseria ou uma obscenidade — á semelhança de certos «meninos bonitos» que nós conhecemos... — trata sempre um «piropo» engatilhado, que desfecha com a pontaria certa dum mestre atirador. Chamo eu até a isso, com uma certa propriedade, a «artilharia de Costa»...

E desta vez, conforme o seu costume, a senhora a passar e o Costa a atirar-lhe o galanteio — foi obra dum momento.

— Como serão os anjos do céu, se os da terra são assim? — pronunciou ele, baixinho, meigamente, como num murmúrio.

Então, a senhora alvejada voltou-se num repente e exclamou alto:

— Seu imbecil! Seu parvo! Sua besta! O que eu devia fazer era chamar um policia, que era para você não ser ordinario!

Fu não sei, francamente, se depois desta minha descrição a minha querida amiga não ficou, realmente, muito mais convencida ainda de que os homens de hoje são o cumulo da indelicadeza e da incorrecção...

... e não digo, é porque a minha amiga é, com certeza, muito capaz de convencer...

ANIBAL NAZARÉ.

Reminiscencias...

Os ciganos, que o leitor conhece de os ver nas feiras a impingir gato por lebre, que é como quem diz burro velho por cavallo esperto, são um povo originalissimo, com piada fina e resposta pronta. Aqui tem o leitor algumas que tem mais filosofia do que um fundista de corôa do nosso sapientissimo colega Novidades.

Estas vão em honra do nosso simpatico El Terrible Perez, que é doidinho por ciganos... do sexo fragil, é claro

Um matador de novillos, gitano de boa cêpa e como tal muito supersticioso, estava com os companheiros esperando a nota dos cornupetos que lhe correspondia matar. Chegou-se a ele um amigo brincalhão, com a lista e a resenha dos novillos e o resultado do sorteio, e querendo divertir-se á custa do seu supersticioso colega, apresentou-lhe a lista e disse-lhe:

— Amigo, aqui tens os teus! — e começa a ler — ...segundo, de nome «Colebron» to amigo toureiro fez um sinal de estranheza e exclamou na sua linguagem tipica: *Su mare!* — e o outro continuou: *senalão con el numero trece to diestro levantou-se, palido e tremulo, e o outro a forçar a broma berrendo en negro (ao pobre toureiro ericaram-se-lhe os cabelos) y... tuerto del derecho.* «O matador desmaiou de susto».

Outra: Um guarda civil conduz ao posto um cigano berracho como um odre, o qual não se resolve a caminhar, nem a tiro. O guarda, cansado da luta para o levar com apanha, faz pé-atraz e pervega-lhe uma destas befetadas historicas, das que fazem ver as estrelas ao meio-dia, e diz-lhe:

— Toma, estafermo! Para que te alheires...

Mas o cigano, voltando-se para o guarda e fazendo esforços para andar, responde-lhe impassivel:

— Pero... malos seviles te puyen! So tierto!... pos no estoy andando me eprisa quer reló d'un ajustisiao?...

Terceira, e chega por hoje: Examinando doutrina, perguntava um padre a um cigano que se gabava de saber o catecismo na ponta da lingua:

— Quantos deuses ha?

— Sete.

— Que barbaridade!

— Sete, já lhe disse.

— E quais são?

— Atenda, padre. Diz o catecismo: — Padre, Filho e Espirito Santo, que são três; com mais três pessoas distintas, são seis, e um só Deus verdadeiro, sete.

— E's um burro! Não vês, desgraçado, que todos os que tu nomeias veem a resumir-se sómente numa Deus unico?

Então, o cigano, com os olhos baixos, confundido com a lição do padre, lamentou apenas:

— Josu, pare mio... y qué reusia saqueado esa probe familia!... (In fide copiae).

JOAO-JACQUES ROÇOU.



— O senhor...
— Mas senhor, doutor. Eu sou cabelreiro...

E' vulgar muita gente perguntar qual o motivo porque uma terra tem este ou aquele nome. E vulgar tambem nunca se saber qual a razão desse nome.

Sempre Fire, para elucidação dos seus leitores, vai mostrar-lhes a origem dos nomes dalgumas terras, com um sentido educativo:

ABRANTES. — Antiga vila, hoje importante cidade, numa das margens crêmos que do Tejo. Foi fundada em 1230 por D. Teodizão Flinto, que por sua morte a deixou em testamento aos seus empregados. O se unome deriva de, quando foi para lá viver D. Teodizão, este pensar em construir um predio e abrir uma rua. Aconselhou-se com o filho sobre qual das coisas devia fazer primeiro e este disse-lhe: «Ibre antes a rua primeiro». Foi dai que lhe veio o nome.

ALBERGARIA-A-VELHA. — Fica perto de Aveiro. Tem muitos habitantes e volta e meia passa por lá o comêcio. O seu nome provem do seguinte: Uma noite passou perto da terra uma velhota, que pediu para a deixarem lá ficar de noite. A população teve medo porque nesse tempo havia muitas braxas, pois ainda não se tinha inventado o agente Paullitos para dar cabo delas. Mas um aldeão disse: «Bom, Alberga-se a velha cá em casa». Ao que outro respondeu: «Eu Albergaria-a-velha se não fôsse o medo!» E assim ficou o nome á terra.

BEJA. — Uma vez, foi em 1430, partiu de Lisboa uma excursão organizada pelo Diario de Lisboa, para ir visitar a região do baixo Alentejo. Visitaram uma cidade ainda em principio, mas já muito interessante. O cicerone da excursão era do Porto e, quando andava a mostrar a cidade, dizia sempre: «Beja agora isto, beja agora aquilo». E ficou a cidade baptisada.

BRAGA. — O actor-gentleman Trico Braga foi fazer uma tournée ao Porto, indo em seguida dar uns espectaculos noutra terra perto. Nessa terra, ele representou tão bem, tão bem, que o povo, testemunhando o seu reconhecimento, resolveu dar á terra o seu nome, ficando esta a chamar-se Erico Braga. Depois, como o nome era comprido e prosaico, tanto mais que já havia uma chamada Castelo Branco, que tambem é nome duma pessoa de teatro, passou aquela linda cidade a chamar-se apenas Braga.

Na proxima semana continuaremos com estas proveitosas lições.

MANOEL DUQUE.



— Tu então andas a fingir que és homem...
— Tambem; para ser homem, só me falta uma mulher para bater...

ECOS DA SEMANA

E CONSENTE A IGREJA QUE UNS MATULÕES NO CHIADO, ÀS SUAS PORTAS, FAÇAM MERCADO DE IMAGENS.



... CHRISTO ANDA CÁ ABAIXO VÊR ISTO!
(AO "PARECEMAL" NÃO LHE CONVENEM VÊR)

A NOVA ESTAÇÃO EMISSORA DO RADIO CLUB PORTUGUES COM O SEU PODER E O DOS NOSSOS LINDOS EN... FADOS VAI DEIXAR O MUNDO ABANANADO.



APESAR DE VIR DE SAPATINHOS DE LI TEM TANTO CHISTE O MANGANÃO QUE TLM... TODO O MUNDO VEIU À JANELA ESPREITA-LO.



MAS QUE IDEIA COMEÇAR A SEMANA DO TRABALHO ÀS 9,30 DA NOITE... QUANDO JÁ ESTÁ TUDO EM MANGUINHAS DE CAMISA... ALEMDISSO É MAU EXEMPLO.

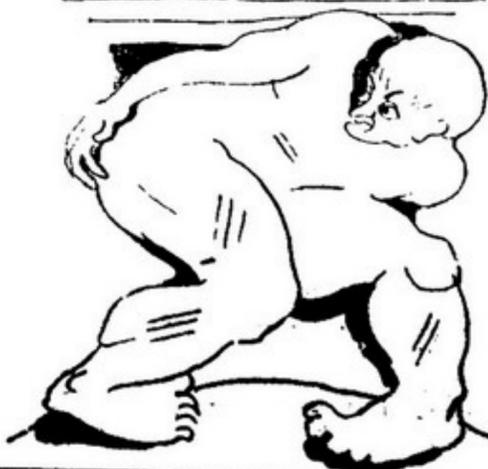


É PRECISO ENGRANDECER A COSINHA SOCIAL!!



AJUDEMOS ALEXANDRE FERREIRA A MATAR A MISERIA AOS POBRES DESEMPREGADOS.

PAVILHÃO ESTILO 1890 CONSTRUÍDO EM 1931



SENHOR MINIMIANO ALVES, O SEU MODELO OU ERA MOLUSCO OU UM CONTORCIONISTA INVERTEBRADO... BRADO SU É TODA A GENTE..

